

RESUMO - GT3: ESPAÇOS PARTICIPATIVOS NA CIDADE: PRÁTICAS E
REINVENÇÕES DA DEMOCRACIA URBANA

**AGROECOLOGIA, DEMOCRACIA URBANA E SABERES COMUNITÁRIOS:
PRÁTICAS PARTICIPATIVAS NO ESPAÇO AGROECOLÓGICO DA VÁRZEA**

Maria Carina Silva Do Nascimento (maria.carina@ufpe.br)

Felipe Henrique Da Silva (felipe.fhs@ufpe.br)

Clara Bispo Gelamo (clara.bispo@ufpe.br)

Benedito Medrado (BENEDITO.MEDRADO@UFPE.BR)

Este trabalho é um relato de experiência a partir das relações dialógicas e afetivas com agricultores/as e consumidores/as no Espaço Agroecológico da Várzea (EAV). O EAV atua como uma feira agroecológica político-pedagógica e sustentável, que proporciona não só a comercialização de alimento saudável e sem veneno, como também trocas e reciprocidade no processo de construção de conhecimento com a comunidade. O espaço estabelece uma dinâmica democrática participativa, promovendo práticas de educação transformadora com os sujeitos - sejam esses trabalhadores/as ou participantes. Em diálogo com outras experiências da Psicologia Comunitária em contextos rurais e com a pedagogia freiriana, a feira se organiza a partir da centralidade do vínculo, da palavra, da escuta e da presença, deslocando os sentidos individuais e competitivos da vida urbana. A disposição do encontro transformador com o outro torna-se um elemento estruturante do espaço, permitindo que emergam subjetividades territoriais, identidades compartilhadas e formas de convivência que rompem com dinâmicas coloniais de dominação, silenciamento e

separação. Assim, essa proposta incentiva a ocupação de coletivos por meio da justiça social, fortalecendo os saberes culturais e rompendo com modelos de educação bancária, hegemônicos e coloniais. Sob uma perspectiva decolonial, o trabalho traz os produtos de uma extensão de duração de um ano, de setembro de 2024 a setembro de 2025. Dentro da nossa experiência, pudemos identificar as estratégias por meio das quais o EAV se concretiza enquanto espaço de educação popular, decolonialidade e afetividade, expressando seu caráter político-pedagógico por meio de rodas de conversa, atividades artístico-culturais, eventos nacionais e espaços de convivência. Acreditamos que a experiência do EAV revela que a reinvenção da cidade passa pelo fortalecimento de territórios afetivos e coletivos que desafiem as heranças coloniais e proponham formas mais horizontais, solidárias e plurais de viver e participar da vida pública, responsabilizando sujeitos e semeando sentidos voltados para o pertencimento e o “fazer parte de”. Neste trabalho, apresentamos tecnologias de resistência tecidas na cooperação comunitária, visando o fortalecimento da identidade política do território, a valorização de saberes subalternizados e a criação de espaços de convivência que sustentam a vida em pluralidade. Entendemos que nosso relato evidencia o imbricamento das vivências de estudantes em processo de formação que, imersos no EAV, puderam estabelecer laços com agricultoras/es, consumidores/as e cultivando, portanto, não só alimento, como também afetos, pertencimentos e compromissos éticos com o território, engajados com a participação cidadã e as suas potências transformadoras.

Palavras-chave: agroecologia; educação transformadora; psicologia social.